

A MULHER NA CONSTRUÇÃO DA ORDEM ESPACIAL DO PANTANAL (MS)

Julio Francisco Alves Fernandes¹

Ana Paula Correia de Araújo²

Mara Aline dos Santos Ribeiro³

Resumo

As discussões acerca de gênero e equidade são pertinentes a sociedade moderna e deve ser amplamente discutido. A mulher rural brasileira e suas contribuições a organização espacial são de extrema importância buscando revelar territórios desconhecidos num espaço tão complexo quanto o Pantanal. Os elementos centrais de análise e condução da pesquisa foram entrevistas e revisões bibliográficas que nos guiaram para a vasta discussão de gênero e desigualdade bem como estudos aproximados das mulheres rurais mais notadamente a pantaneira. O presente trabalho tem por objetivo apresentar aspectos como a importância do trabalho feminino no espaço rural e suas contribuições para a organização espacial regional da comunidade do Passo do Lontra, Pantanal do Abobral em Mato Grosso do Sul. Nesse estudo pretendeu-se levantar características gerais e específicas à essas mulheres. As influências das atividades turísticas no cotidiano da mulher pantaneira nos indicam uma mudança na organização da vida no pantanal. Números como escolaridade, fecundidade e faixa etária foram levantados afim de estabelecer um perfil dessas mulheres. As mulheres ainda que ocupem profissões de pouca valorização contribuem para a sustentabilidade das atividades turísticas e organização do espaço pantaneiro.

Palavras-chave: Mulher, Espaço Rural, Pantanal

Introdução

Os pulsos de inundação e ritmos marcados pelas cheias e vazantes caracterizam a maior planície alagável contínua do mundo, o pantanal mato-grossense (SILVA & ABDON, 1998). Localizado no centro da América do Sul e com aproximadamente 138 mil km² em território brasileiro (*Id.*), a planície pantaneira tem a nascente do seu principal rio, o Paraguai, no estado do Mato Grosso, porém é na porção oeste de Mato Grosso do Sul que a junção com seus contribuintes e vários outros fatores físicos, como a baixa declividade, vão contribuir para a dinâmica de inundação (VARGAS, 2006). Suas especificidades topográficas dificultam

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, juliofernandes.geo@gmail.com

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, anapaula_rj@yahoo.com

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mara_aline@yahoo.com.br

o acesso à planície, desde a colonização (portuguesa e espanhola), as missões jesuíticas, as incursões bandeirantes paulistas e durante toda essa trajetória no espaço-tempo o homem usualmente ocupou apenas as bordas da planície (ESSELIN *et al*, 2012; RIBEIRO, 2015). As características próprias do pantanal o tornou objeto de estudo de várias áreas do conhecimento.

O processo histórico de ocupação da planície pantaneira iniciou-se no final do século XVII, porém intensificou no séc. XIX com instalação de algumas fazendas as margens dos rios Miranda, Nioaque e Negro, devido à vinda de alguns membros da sociedade cuiabana “fugidos” (grifo próprio) no período pós-Rusga (ESSELIN, 2011).

O espaço pantaneiro é tradicionalmente constituído de fazendas de pecuária bovina. Esselin (2011, p.176) deixa claro os nomes dos proprietários das primeiras fazendas no, até então, sul de Mato Grosso. Assim, o autor nos torna lúcido a quem pertence essas novas propriedades, homens em sua maioria militares, membros de órgão governamentais e/ou alta sociedade cuiabana. Porém algo deve nos chamar atenção para as informações do autor:

o major João José Gomes, comandante do forte de Miranda, com auxílio dos índios laianas, fundou em 1834 a fazenda Forquilha[...] Mais ao norte na mesma época, na região do rio Negro, haviam se estabelecido Dona Maria Domingos de Faria, seu filho João Mamede e João Canuto Cordeiro de Faria[...] Anos depois, D^a Maria Domingos fundou, à margem do Aquidauana, fazenda onde estabeleceu um porto fluvial (ALMEIDA *apud*. ESSELIN, 2011 p.176)

No Pantanal, segundo Esselin (2011), a primeira menção sobre a importância da mulher no desenvolvimento regional data do fim do século XIX, com textos referindo-se as fazendeiras. É, portanto, de extrema importância pensarmos historicamente no papel das mulheres na sociedade moderna. Biasoli-Alves (2000) nos diz que a diferença da modernidade frente as outras sociedades é justamente a dicotomização presente-passado, atividade essa que perpassa pelos valores, práticas e papéis desenvolvidos. Portanto, como item das práticas e valores da sociedade, a família é uma instituição que passa por transformações significativas, reflexo de mudanças estruturais que incidem sobre todas as dimensões da vida humana nos últimos anos. Neste movimento, a forma como se constitui e a maneira como essa constituição viabiliza a reprodução social são alteradas por novas formas de organização familiar, que incluem novas apresentações da instituição conjugal, a diminuição do número de filhos, a presença da mulher como força de trabalho principal,

dentre outros componentes que se inscrevem na histórica ordem patriarcal de gênero e que marcam o que muitos autores chamam de pós-modernidade. Por conseguinte, a maior escolarização e a profissionalização da mulher seriam as causas das inúmeras mudanças no papel da mulher na sociedade a partir do final do séc. XX (BIASOLI-ALVES, 2000).

Como as relações entre as regiões são compostas por diferenças espaço-temporais, dentro da lógica do desenvolvimento desigual e combinado via divisão e especialização de áreas que marcam a organização do espaço capitalista, as mudanças no papel da mulher na família e na sociedade não acontecem de forma homogênea no espaço.

O espaço rural do pantanal, ainda que fragmentado, enquanto região endêmica brasileira é articulado com os acontecimentos da sociedade moderna global, entretanto, numa relação espaço-tempo própria de região periférica. Assim sendo a transformação do papel da mulher na modernidade chegou também para a mulher rural, no nosso caso a mulher pantaneira. Entretanto, deve-se observar a velocidade com que os acontecimentos chegam no espaço rural e em que dimensões eles são inseridos. Portanto, mulher rural vivencia maiores dificuldades em superar a ordem dicotômica baseada na primazia masculina e na relação dominação-obediência. É neste contexto que esta pesquisa busca analisar a condição da mulher rural, com ênfase na mulher pantaneira, na atualidade em diferentes estratos: sócio-econômico, étnico-raciais e trabalhista, itens nos quais Biasoli-Alves (2000) julga necessário a qualquer estudo de gênero que vise analisar verdadeiramente o aumento da presença feminina nos diferentes aspectos da sociedade. Aspectos como a importância do trabalho feminino no espaço rural, os anseios e aspirações, as relações interpessoais e de sexo, a percepção da vida e do trabalho, os papéis exercidos que representam os elementos centrais de análise e condução da pesquisa. Neste sentido o objetivo da pesquisa é analisar o papel da mulher rural pantaneira na construção da organização do espaço regional.

Ordem Espacial do Pantanal

Esta pesquisa teve como foco de observação e análise, o espaço rural, notadamente a sub-região do Abobral (Figura 1). Localizada entre os municípios de Corumbá e Miranda a área de estudo foi a comunidade do Passo do Lontra. A opção por essa área de estudo se deu

por dois motivos principais: a acessibilidade da sub-região e a presença da comunidade Passo do Lontra, com famílias de ribeirinhas que vivem da pesca e do turismo.

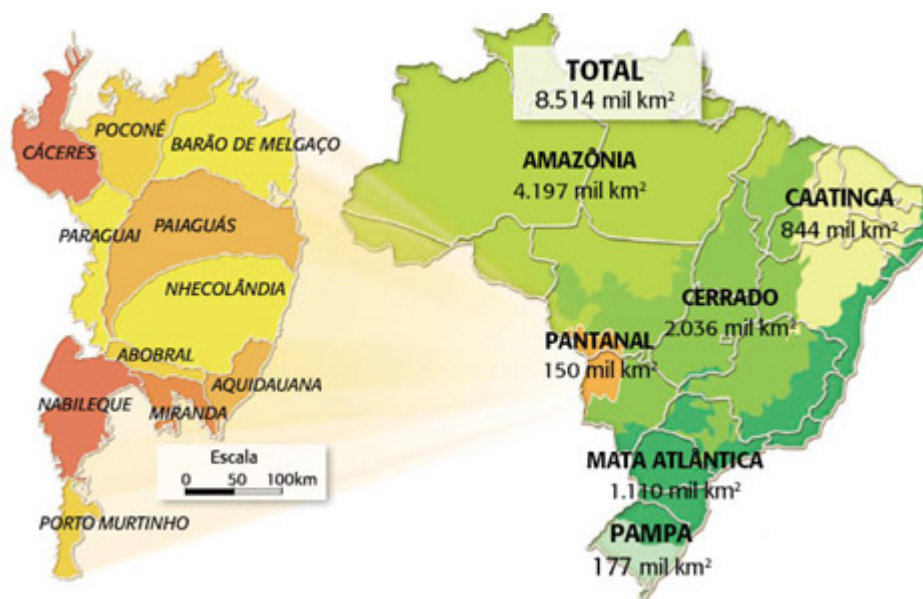


Figura 1: Sub-regiões do Pantanal segundo Silva & Abdon, 1998.
 Fonte: ECOA⁴

A Comunidade Passo do Lontra, está distante 120 quilômetros da área urbana do município de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Localizada as margens do rio Miranda a comunidade tem acesso pela Estrada Parque 9km após o posto da Polícia Militar Ambiental – Buraco das Piranhas na BR-262. Reconhecida pela grande ponte de madeira sobre o rio Miranda, a comunidade Passo do Lontra se desenvolveu principalmente aos arredores da ponte e tem sua base de atividades em torno do turismo. Hoje existe aproximadamente 9 hotéis/pousadas na comunidade fazendo do turismo a principal atividade econômica das quase 30 famílias que ali vivem.

Procedimentos metodológicos

Definida a área de estudo, a pesquisa voltou-se para um amplo levantamento bibliográfico envolvendo temas como: Pantanal, espaço rural, região, gênero. Porém, a escassez de produção sobre a mulher pantaneira, aumentou a dificuldade dessa fase. A

⁴ Disponível em: <http://riosvivos.org.br/a/Noticia/Regioes+brasileiras+e+subregioes+do+Pantanal/15572>. Acesso em 22/7/2017.

produção temática na academia ficou encarregada pelo estudo prévio de Thomé, 2008 e Rocha Filho, 2009. Outros autores já se dispuseram a estudar a mulher pantaneira, como Belkisse Gomes em 1997, porém, se dedicou a um retrato das mulheres do Pantanal entre as décadas de 1920 e 1940. Propusemo-nos a discutir, junto com interposições de Thomé, 2008, novos “retratos” e papéis adquiridos e desenvolvidos por mulheres pantaneiras.

Além das fontes secundárias de levantamento de dados a parte a seguir aparece com a compilação de dados primários adquiridos em campo, a maioria no mês de julho de 2017. Para tanto os procedimentos operacionais que norteiam o desenvolvimento da pesquisa são coleta de dados junto aos sujeitos da pesquisa num roteiro que inclui dados pessoais; experiências conjugais, sexuais e religiosas; trabalho e renda, a relação com os filhos e seu projeto de vida.

Utilizou-se também de registros fotográficos para retratar o cotidiano e as atividades desenvolvidas pelas mulheres do Pantanal.

Espaço-tempo de mulheres

O protagonismo feminino no universo até então “masculino” têm seu início em meados do séc. XX quando da realocação de mão de obra masculina para as frentes de batalha das grandes guerras. É nesse momento que as mulheres ocupam os cargos que, na chamada postura convencional de estratificação de classes, estão ligados aos homens (GOLDTHORPE *Apud.* GIDDENS, 2005, p. 246)

É, portanto, principalmente a partir de meados do século XX que a mulher deixa a visão da funcionalidade do ator familiar, onde é tida como essencial, e ocupa também a posição de provedora do sustento familiar (PARSONS e BALES *apud.* GIDDENS, 2006, p.152)

Biasoli-Alves (2000) nos chama atenção para a conquista das mulheres no quesito educação e a influência desse fator nas rupturas e continuidade do papel da mulher nos séculos XX e XXI. Segundo a autora, o direito a escolarização da mulher passou pela necessidade de suprir as atividades domésticas:

A realidade mostra uma estrutura da economia anterior desfazendo-se e, aos poucos, sendo substituída por outra, que passa a “exigir da mulher mais habilidades além das que já vêm de berço”. Ela precisa, agora, ser capaz também de aprender a gerir

salários (fazer contas) e a cuidar de que os filhos (homens, sobretudo) dominem as tarefas da escola[...] Isto, não porque ela seja um sujeito de direitos e deva lhe ser assegurada a igualdade, mas porque se espera dela competências que melhor promovam a educação dos filhos e a própria vida doméstica, que façam dela o suporte adequado para o sucesso profissional de seu esposo (BIASOLI-ALVES, 2000, p.236).

A função “do lar” que cabe a mulher, portanto, é mantida ainda que com evoluções na profissionalização e escolarização. Para autora alguns fatos devem ser considerados nessa transição de sec. XX para XXI. É, impossível dizer que as mulheres atuais são completamente diferentes das mulheres do século passado devido ao curto período de tempo e a “descontinuidade no processo de transmissão de padrões, valores e normas” (*ibid*, p.239) Portanto algumas características aplicadas as mulheres do século XX adquirem nova roupagens e continuam na atualidade.

Segundo Giddens (2006, p. 247), pesquisas recentes revelam que, apesar das novas formas de trabalho feminino, as mulheres continuam se dedicando as atividades domésticas ainda que tenhamos um número recorde na história mundial de mulheres empregadas em atividades remuneradas. O autor ressalta a multifuncionalidade associada a mulher e a responsabilidade que assume, que ao invés de substituída ou dividida foi somente adicionada.

Entretanto, algumas rupturas são elencadas por Biasoli-Alves (2000) e Giddens (2006), tais como: o alto número de mulheres que ocupam posições profissionais de gestão, o aumento da remuneração, a participação na construção de políticas públicas e a ocupação de cargos públicos.

Vale ressaltar que a essas rupturas apresentam diferenças espaço – temporais e são próprias de grandes centros urbanos. Em cidades menores e no espaço rural a situação é diferente e as transformações são mais lentas.

Segundo Sales (2007) as discussões sobre o papel da mulher rural e as novas abordagens políticas das trabalhadoras rurais⁵ chegam ao Brasil, com mais força, somente a partir do ano de 1985, quase trinta anos depois das conquistas das mulheres urbanas. Para a

⁵ A autora utiliza da classificação de trabalhadoras rurais devido a inserção desde a infância das mulheres no grupo de trabalho familiar (SALES, 2007, p.437).

autora os direitos das mulheres no campo só puderam ser estabelecidos após a inserção da “igualdade entre homem e mulher na família” proposta na Constituição de 1988.

A mulher do e no Pantanal Sul

A mulher rural é, por essência, trabalhadora e tem suas atividades pautadas na subsistência da família tanto quanto o homem. Embora presentes nos ambientes domésticos típicos do papel histórico ocupado pelas mulheres (a casa, a cozinha), a mulher rural é, também, uma provedora de sustento da família. No Pantanal do Abobral, comunidade Passo do Lontra, essa característica não é diferente. Além das atividades de casa, acrescenta – se o trabalho no comércio, na pesca e nos barcos de turismo. São mulheres simples, cuja a vida é, essencialmente rural, semelhante aos modos de vida rurais do restante do país (Figura 2). Particulariza-se, entretanto, por fundamentar-se num ambiente de extrema complexidade.

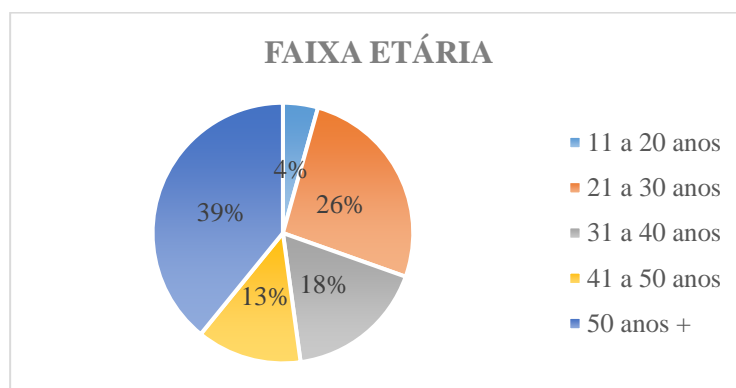


Figura 2: Mulher pantaneira. Pantanal do Abobral, comunidade Passo do Lontra. Fonte: Trabalho de campo, Jul/2017

Na tentativa de estabelecer um perfil das mulheres da comunidade do Passo do Lontra, Pantanal do Abobral, o roteiro de entrevistas estabelece questionamentos sobre idade, número de filhos e escolaridade. Foram entrevistadas o total de 23 mulheres.

O Gráfico 1 apresenta-nos a faixa etária dessa população feminina e nos dá perspectivas do envelhecimento da população.

Gráfico 1: Faixa etária das entrevistadas

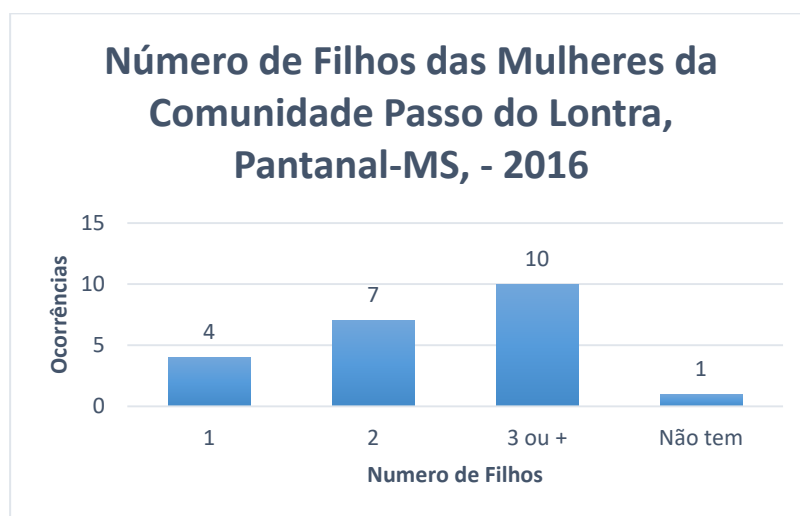


Fonte: Elaborado pelo autor, trabalho de campo – 2017.

Das vinte e três mulheres entrevistadas nove têm mais que cinquenta anos. Um número elevado de mulheres que trabalham acima dos cinquenta anos e que têm alguma participação na renda familiar. A esses dados de faixa etária podemos incluir algumas informações como a de estado civil. Para efeitos comparativos seguimos a divisão de Thomé (2008) em mulheres acima de 40 anos e abaixo de 40 para se tratar de estado civil. Assim como a autora explicita em sua pesquisa, nesse caso, as mulheres acima de 40 anos predomina o estado civil casada, porém o número não difere muito das mulheres abaixo dos 40. Ressalta-se ainda a ocorrência de mulheres viúvas, como segunda resposta para as mulheres acima dos 40 anos. O primeiro grupo, de mulheres acima de 40 anos, vive, em média, há 20 anos no Pantanal, enquanto o segundo grupo há, em média, 11 anos.

Ainda utilizando dados do trabalho de campo foi possível estimar o perfil de natalidade da comunidade do Passo do Lontra a partir do número de filhos das mulheres entrevistadas (Gráfico 2).

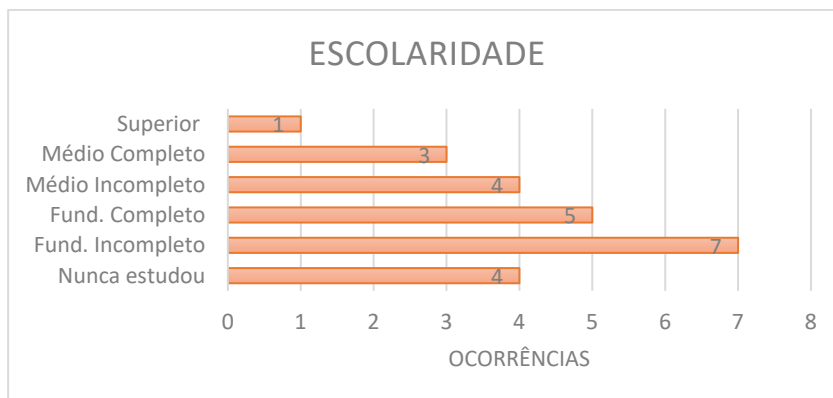
Gráfico 2 – Número de Filhos



Fonte: Elaborado pelo autor, trabalho de campo – 2017.

De todo universo das entrevistadas apenas uma não possui filhos, o que nos alerta para uma alta taxa de fecundidade da mulher rural do pantanal. Utilizando de dados do IBGE (2010) calculou-se a taxa de fecundidade da mulher rural do município de Corumbá-MS. A taxa de fecundidade ficou em 3,97 filhos por mulher muito acima da média da mulher nacional de 1,72 filhos por mulher. (IBGE, 2010). Verifica-se, portanto, que o grupo de mulheres entrevistadas ao longo desse trabalho seguem os padrões de fecundidade da sua região, porém seguem a tendência de redução da fecundidade, uma vez que o principal grupo de mulheres com 3 ou mais filhos é o que possui mais de 40 anos justificando, portanto, a sequência na tendência nacional e mundial da redução de fecundidade.

Gráfico 3 – Escolaridade



Fonte: Elaborado pelo autor, trabalho de campo – 2017.

Em se tratando da escolaridade das mulheres da comunidade do passo do Lontra chama atenção no alto número de ensino interrompido durante os primeiros anos. Segundo IBGE (2010) 43,4 % da população tem ensino fundamental incompleto ou não têm instrução o que pode justificar o alto número de ocorrência da resposta “nunca estudou”. Vale ainda a combinação dos dados de fecundidade/idade/escolaridade nos mostrando um panorama real dessas mulheres. Portanto, as mulheres do primeiro grupo, àquelas com mais de 40 anos, possuem menor nível de escolaridade, maior número de filhos, com exceção de duas das entrevistadas que ocupam o espaço como lazer e fogem ao padrão por serem mulheres urbanas de passagem pelo rural. Enquanto o segundo grupo àquele com mulheres com menos de 40 anos ficam responsáveis pelas pluriatividades, ou seja, exercem várias atividades em seu cotidiano, maior escolaridade e menor número de filhos.

Quanto as atividades econômicas desenvolvidas podem ser divididas as entrevistadas em dois grupos: atividades ligadas diretamente ao turismo e atividades não-turísticas⁶. No turismo, as mulheres do Pantanal do Abobral, comunidade Passo do Lontra, atuam, sobretudo, na limpeza e na cozinha. Existe, ainda, uma piloteira, atividade essencialmente masculina, e uma mulher ocupando o cargo de auxiliar de gerente de hotel. A média salarial é o salário

⁶ Se faz necessária inclusão da palavra “diretamente”, ao se tratar da prestação de serviços ao turismo, uma vez que algumas atividades desenvolvidas por esse segundo grupo têm relação com o turismo ainda que indiretamente.

mínimo, mas, devemos destacar que 70% das mulheres entrevistadas, trabalham como diaristas e estão sujeitas as variações de baixa e alta temporada

Para o segundo grupo, àquelas que não possuem atividades ligadas diretamente ao turismo, temos comerciantes. São duas comerciantes, uma de iscas, que também é pescadora e uma da mercearia local.



Figura 3: Mulher rural pantaneira trabalhando no pequeno comércio da comunidade Passo do Lontra, Pantanal. Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Nesse grupo também se incluem as funcionárias de um fixo importante para o fluxo de pessoas na comunidade, a Base de Estudo do Pantanal - BEP, base de pesquisas, ensino e extensão da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Das entrevistadas, três são funcionárias da base e trabalham nos serviços domésticos de apoio aos pesquisadores como auxiliar de cozinha e limpeza.

Tais dados nos reforçam de que quase um século se passou desde a faixa temporal de pesquisa de Gomes (1997) e a participação da mulher em atividades econômicas gira entorno as atividades domésticas com a diferença da inserção da atividade turística e intensificação e remuneração dessas atividades (Thomé, 2008)

No roteiro de entrevistas adotado alguns questionamentos como “ o que o pantanal significa para você? ”, “como é morar no rural? ”, nos nortearam quando ao sentimento de pertença a qual Vargas (2006) aponta como necessário na construção identitária e no desenvolvimento de territorialidades no espaço rural. Como resposta a esse questionamento as percepções do imaginário e a dimensão imaterial do território se apresentam. “Maravilhoso”, “Um sonho” “Paz e tranquilidade” foram algumas das respostas ao significado pessoal do pantanal. O território, sendo formado de partes indissociáveis do material e imaterial do funcional e do simbólico (Haesbaert, 2007) contém simbolismos expressos no discurso da percepção de perfeição do local. A esse sentimento de “familiaridade, sossego” tranquilidade com o local, Tuan, conforme Thomé, caracteriza como topofilia, ou lugar segundo Relph *apud*. Thomé. (Thomé, 2008, p.112)

A funcionalidade do território em questão, é também expressa no discurso das mulheres pantaneiras. No questionamento sobre “como é ser mulher no pantanal? ” o simbólico da perfeição dá lugar ao funcionalismo do trabalho aguerrido: “batalhadeira”; “ guerreira”; “é como ser dona de casa” diz uma das entrevistadas com a voz pausada em som de cansaço.

Assim como sua paisagem, o pantanal é constituído por diversos grupos sociais e em todos eles mulheres. Como citado anteriormente, nesse trabalho, além da área de pesquisa limitado a sub-região do Abobral, utilizou-se de uma entrevista com uma índia da etnia Guató, a fim de relacionar o papel da mulher e obter parâmetros iniciais de outras sub-regiões do pantanal. Não muito obstante as colocações das mulheres do Abobral, em uma entrevista muito receptiva na sua casa, em Campo Grande, a senhora índia Guató, no auge dos seus 68 anos, conta sobre sua atividade de artesã e tempo de morada no pantanal. Nascida na região do destacamento Bela Vista, na aldeia Uberaba, em Corumbá, conta que desde a infância ajudou sua mãe na roça e ficou até os 15 anos na aldeia, de onde saiu por não ter mais condições de sobrevivência. Em relatos, diz que aprendeu a escrever para poder identificar bilhetes que encontrava nos bolsos do marido. Quando questionada sobre como é ser mulher no pantanal sem muito pensar se expressa: “É sofrido, hein” e continua a contar as histórias de uma vida sofrida. Já devido a problemas de saúde hoje mora com os filhos em Campo Grande-MS, mas não hesita em dizer que não vive sem o pantanal. A topofilia, de Tuan, (op.

cit.) se faz presente em cada expressão sobre o que pantanal significa para ela: “ O pantanal é vida. Tudo de bom que Deus deixou, só o ar que se respira já é melhor” cita com ar saudoso.

Considerações Finais

O papel da mulher é de intensa discussão nos dias atuais e se caracteriza como assunto de extrema importância. Seja no meio urbano ou rural, a discussão de gênero é cada vez mais pertinente em busca de igualdade social.

Após discussão sobre as atividades femininas desenvolvidas no pantanal de hoje conseguimos abrir um leque de opções dos contributos femininos com a organização espacial. Ainda que ocupe trabalhos domésticos em sua maioria e sejam trabalhos pouco valorizados são atividades de extrema necessidade e que amparam a organização do turismo, das atividades de pesca de comercio e outros setores.

As diversas mulheres e seus papéis carregam em si cargas culturais e identitárias que produzem seus territórios e desenvolvem territorialidades no espaço pantaneiro emoldurando paisagens rurais de luta.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Ana Paula Correia de. **Pantanal: Um espaço em transformação**. Tese de doutorado em Geografia (UFRJ). Rio de Janeiro, 2006.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 233-239, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**, 2010.

ESSELIN, Paulo Marcos, **A Pecuária Bovina no Processo de Ocupação e Desenvolvimento Econômico do Pantanal Sul-Mato-Grossense (1830-1910)**. Dourados: Editora UFGD, 2011, 358p.

_____, OLIVEIRA, T.C.M, OLIVEIRA, M.A.M, **Fronteiras Esquecidas: a construção de hegemonias nas fronteiras entre os rios Paraguai e Paraná**. Dourados: Editora UFGD, 2012, 194p.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. Ed, Porto Alegre, 2005

GOMES, Belkisse Correa. **“Retrato” de mulheres pantaneiras na década de 20 a 40: molduras em educação e gênero**. Dissertação de mestrado em Psicologia (UCDB). Campo Grande-MS, 1997.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access**, p. 33-56, 2007.

RIBEIRO, Mara Aline. **Entre Cheias e Vazantes: a produção de Geografia no Pantanal**. Campo Grande – MS: Editora UFMS, 2015, 234p.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, p. 437, 2007.

SILVA, João dos Santos Vila; ABDON, Myrian de Moura. Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. **Pesquisa agropecuária brasileira**, v. 33, n. 13, p. 1703-1711, 1998.

THOMÉ, Pollianna. **A mulher e o Pantanal: uma relação de trabalho e de identidade**. Dissertação de Mestrado em Geografia (UFMS). Aquidauana, 2008.

VARGAS, Icléia Albuquerque de. **Território, identidade, paisagem e governança no Pantanal Mato-grossense: um caleidoscópio da sustentabilidade complexa**. Tese de doutorado em Meio ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Curitiba, 2006.